

I. POESIA POETAS POEMAS

*Do mar lá vem o monstro
A relva
O terrível
O poeta é um albatroz
Alguma vez
Como pequeno deserto*

II. PARA FESTEJAR

*Somos tropelados
Um poema
Bonito!
Havia dez negrinhos
O ar cheira a limão
De-manhã*

III. RISCO DO TEMPO

*Vejo
Nos lisos mármore
Para isso
Confortavelmente
Vanini
Pudesse*

IV. OSSÁRIO GERAL

*Vão branqueando
Sem júbilo nenhum
Esses gritos
Bem postos diariamente
No dia
E circulava
Lá na colina*

MOSAICO

*foi escrito entre 1980/87
e lido por Celio Moreira Placer,
Flavio Moreira Placer e Carlos Couto.
Diagramação: do Autor
Composição: Ailton Barros
Arte Final: Ronaldo Cunha
Coordenação Gráfica: Edivar Palma
Composição, fotolitos, impressão e acabamento:
Reprograf Artes Gráficas Ltda., em Niterói, RJ.
Terminou a impressão em
janeiro de 1988.*

Andrômeda comparada à poesia

D*o mar lá vem o monstro,*

Com verde sanha investe.

Está atada Andrômeda

À roca, a inocente

E quer gritar, não pode.

Que bela-horrível angústia!

Atormenta seu rosto

Quase estátua ou mármore.

Mas o amor a liberta,

De Perseu, o herói:

Pura filha de reis,

Tronco feliz de um povo.

*

– Vou te buscar no mito,

Já nos astros te encontro.

Teu lugar desde o início

Era na altura: ANDRÔMEDA.

A relva

mais qualquer pássaro cantor
compunham a panorâmica do dia.

De-longe chegavam as palavras, as palavras mesmas eram
imagens, tudo se consumava poema, que o jovem poeta ia
datilografando feito um seminarista em estado-de-graça.
(tocou o telefone).

Ei-lo em estado de realidade. O pássaro voou! E o verde,
que desconforto de ver que a relva verde não é relva,
não é relva nem é verde.

O terrível do poetar é que antes é tudo escuro. Alguém

que vara o túnel e o louco começa a cantar.

Aquilo será escrito.

Aquilo será escrito como?

O próprio não sabe. Ninguém sabe.

De-repente.

Então ele o escreve no verso, provisoriamente, de um valente.

De outra forma o rebelde cai no chão, cai e se perde. Depois?

Depois, senhores, acontece nada. - Sete dias e sete noites, *work in progress*, decantando no gelo da gaveta.

O poeta é um albatroz?

É o rouxinol da lama?

Também tenho minha versão: o poeta é um tordo-eremita.

O que habita o fundo das matas, ali onde raros se arriscam,
e canta da torre dos pinheiros sua canção das gotas d'água.

Volume não é de-todo o forte dele. Mas em cristal, acordes,
modulação – diz Chapman – sua voz não tem rival.

O poeta é um tordo-eremita.

Alguma vez, se você for à França, olha! vai a Charleville

levar uma flor a Rimbaud.

Andarim de estrada , sem beira sem eira, quis ser *un voyant*,
acender astros novos. Homem nenhum, aliás um só, Verlaine,
parou a escutar sua alquimia do verbo.

(isso se vê: não a palma praquele que no lance dos dados cabe,
tantos dons!)

Impaciente, Arthur se cala; Arthur se evade – mercador – pra
África, Ogadine, Bubassa. Pralém de Bubassa – pro desconhecido.

C

Como pequeno deserto. Como pequeno deserto no longínquo

de nós dois. Ali, oculto espaço, eu e o poeta-companheiro,
ali não éramos.

Porque? Como? Difícil definir o que, nestas vias, só o absoluto diálogo atinge. (Um dia esperávamos na fila; Lô entrou primeiro, quando fui entrar, a porta do coletivo num arranco se fechou, ela partiu, e nunca mais. Ah, mas isto me aconteceu com uma amiga, é outra coisa, é outra coisa).

Mais uma vez fixamente nos olhamos.

E o *momento* não chegou.

Nem chegará. – O poeta-companheiro morreu ontem. Agora hei de sempre lamentar! Ou não? Não sei. Não sei. Agora só sei do enorme deserto e que ele é morto.

Somos tropelados,

Cegados no tempo,

De ruídos e fúria.

Mas grato uma vez

Ter vindo e vagar

Vivos sob o sol.

Cativos nos lindes

Da Cidade, o outro

Dom maior é dado:

Convívio e palavra.

E onde cresce a água

Madurece o trigo.

Para isto somos:

Ousar e sonhar.

Para isto estamos

Conhecer e amar

Para isto viemos:

AMAR & MORRER.

para Augusto, infante

Um poema me pediam pro menino que chegara em
setembro-primavera. E justo neste dia, data augusta do Natal.
espraia-se o canto no branco do papel.
Você vem com o cometa Halley... Nada mudou, nada, desde a noite
antiga quando no alto brilhou pro outro menino. Olha (em voz
baixa): muitos slogans há, o essencial sabemos - vale a pena
ter vindo - por que bela é a luz
grande a dor e o que ela ensina
ao coração do homem.
Dorme teu sono bom, pequeno Augusto! Depois lembra-te de crescer
e ser-fiel.

para os gêmeos Andrea & Bernardo

Bonito! Mas que bonito!

Eram dois no *Pombal*, de repente no verde, agora são quatro.
A casa nova e branca é um lar: janelas e portas abertas, o cheiro
bom a lavanda...

Mãos dadas

tão esperados! chegaram: irmão & irmã eles são.

Pequeninos - ah! que o doador da vida infinita os aqueça em
seu ninho, e defenda

defenda e defenda.

Alegria! Eu digo: alegria!

Azul. Maio em flor. – Estes versos.

Havia dez negrinhos numa estória-canção, brincando ao sol
sem medo, que deviam morrer.
Vai daí Agatha Christie fez dez personagens, reunindo-os na
agreste Ilha do Negro.
Anthony James Marston, garotão de sensações fortes, o Thony!
foi o primeiro. Seu possante carro do ano agora apodrece prali.
Esqueci os outros nove! Não
 os olhos azuis de Thony,
 aquele corpo de atleta cuja paixão
era vvvvvvvelocidade, vvvvvvento na cabeleira, as retas loucas,
as pistas...
Agatha! Agatha! não deviam morrer os semideuses.

O ar cheira a limão.

No horóscopo: decanato de Libra. Os olhos anotam: as acácias inclinam amarelos, suam a boa resina.

O ar cheira a limão.

O ar cheira a limão.

Ai fazedor de frases! Persona fanhoso! Usurpador de aplausos, meu sócia! Não te quero ser!

O ar cheira a limão.

Alguém ri em mim que só um pagão. Cão contente, enterra o osso de antigas raivas. Que aliás, de envergonhadas, partem na ponta dos pés...

De manhã

 a aleluia dos sinos o acordaram
novo, de um sono compacto em lençóis de percal.
E a barroca Ouro-Preto que de noite se ocultara, inteira
se desnudava ao forasteiro.
Eram torres telhados paredões; eram ladeiras e cruzeiros;
e lá, último nível, o anil anil.
Desjejum de bronzes
 e pão estalando na bandeja de prata
 fresco, vários e uníssonos...
De tudo, uma impressão lhe havia de ficar: entre a guilhotina
da janela e a Cidade - aquelas bananeiras (não mais de três),
movendo devagar
 o brilho verde das palmas como espadas.

e uma velha âncora foi encontrada num cimo da serra

*V*ejo: uma pela intempérie e auroras azinhavrada âncora.

*Onde outrora fundo do mar, morada de concha, agora
É terra firme, cimo de serra, e o sol demora a carcomida âncora.*

*Já a quilha da nau que ela retinha
Contra levantados ventos, contra turronas ondas,
Ao comprido de cais de pedra, ásperas ilhas afora,
Inexiste;
 já os marítimos de salgados cabelos,
Braços como cordas no vigor de homens moços
(Que tinham uma Cora, uma Doris, à orilha de cada porto)
Jazem;
 só a âncora, ela só ora pervive!*

*Aí está diante de nossos olhos estudiosos
Porque o diz a poesia, na maravilha do verso de Ovídio:
ET VETUS INVENTA EST IN MONTIBUS ANCORA SUMMIS.*

Nos lisos mármore só viram frialdade. Jamais os arrebatou a veemência de uma idéia. Os belos, belos corpos não acenderam neles paixões de se perderem.

Almas pequenas, nem isto nem aquilo, almas-lesmas, não há buscá-los entre os grandes pecadores, no catálogo isso nunca dos puros, dos heróis.

E a eternidade os rejeitou!

Lá estão segundo Dante, mortos-vivos ante o vestibulo do inferno.

Legião, brandam sem lágrimas em oco-rouco alarido ira e gíria.

Querem, uma vez ao menos querem, arder arder arder na dor de condenados -

e o ínfero inferno não os traga.

*Astíages, atraído pela fama da beleza e boas
qualidades de seu neto, desejou vê-lo.*

Para isso, meus caros, compulsamos os clássicos -

Quem não se encanta e bem, na Ciropédia, com a alegria de avô,
rei medo, ao receber no paço o neto, príncipe persa - Ciro -
educado na frugalidade e na justiça? Nato nobre, antes o sendo por
natureza, prontas respostas agudas, todo simpatia?

Quanto a mim,

penso num filho de mãe bonita - ágil e gracioso
que pratica *surf*; jovial, joga pro alto os aborrecimentos;
naturalmente líder, é sensato, bom em matemática e se espanta
quando entre colegas saem a seu favor, os dados!

Confortavelmente instalado na fantasia-e-verdade de

Marco Polo, aqui vou em meio às *Viagens*. E paro à sombra daquelas árvores-guias que o Kublai Kan mandou plantar nos caminhos desertos do seu reino -

*"Eram árvores tão altas
que já de longe se podiam avistar."*

Me agrada conjecturar: eucaliptos!

E que um dia o Kublay Kan com a comitiva desejou deter-se só para ver à beira-estrada as suas árvores. E colhendo da mão do servo o ramo tenro, o Grão-Senhor disse bem do odor a citro que rescendia em seus dedos anelados... E em viagem o conservou sobre os joelhos.

– **V**anini. Mas afinal, quem é esse Vanini?

– Então não sabe? Um estrangeiro apóstata, que contra Deus blasfema, o nosso Rei e o Parlamento, possesso de Satanás, o miserável.

E na festa de S. Cirilo & Apolônia, A.D. de mil seiscentos e dezenove, os bons burgueses de Toulouse de França piedosamente o estrangularam

a língua lhe arrancaram a tenaz,
queimaram em auto-de-fé Giulio Cesare Vanini na fogueira.

"...Pudesse recomeçar! Passar a limpo! *Raimunda, traze o uísque!*

Ser outro...Desembarquei no coroá brandindo um original, outros dentro da mala. *Droga de som!* Fiz sonetos, teatro, jornalismo, ensaio, trocadilhos. *Raimunda, ó Raimunda!* Aos trinta deputado, trinta e cinco ministro. Hoje, aos quarenta, sento numa poltrona azul da Academia. *Droga, desliga esse som!* Ah, confrades, que tem isto e aquilo com a Literatura? Eu digo: Li-te-ra-tu-ra, idiotas! Nada. Nada Nada. Atores! Fingidores! Meu fardão d'imortal pelo oiro de um verso! Quem bate? Será a Musa? Quem? Eu queria... Queria – *oi, mais gelo!* – era compor um verso, um belo verso só! para nin...guém."

OSSOS OSSOS OSSOS OSSOS OSSOS...

*V*ão branqueando sem tempo no tempo

– AQUI SE NIVELAM OS HOMENS –
Escrita descarnada de

*Crânios, tíbias fêmures, clavículas.
Tem que ser! Exíguo o espaço. Devem
Os velhos desocupar pros novos*

*Que chegam pontualmente, hora a hora,
Que chegam e pra ficar até
Até (a Theologia é séria) à*

*Ressurreição da carne, o Juízo Final!
Mas repara: por sobre a nata porosa da
ossaria o amarelo-vermelho lindo!*

de sua primeira flor, um pé-de-abóbora.

Sem júbilo nenhum

juiz jubilado

que faço na Megalópole, Magdalena?

Acabaram com os cães! Acabaram com os galos! Esvaziaram a
noite, Magdalena. Que merda!

Já não abro a janela para olhar o arvoredor - VESPER, a que
não dorme. Vai ver acabaram também com a Estrela-da-manhã!

Longe, as futuras colheitas maduram, jubilam - e o homem
louva. Depressa! Me dá o boné, vamos daqui, Magdalena!

Esses gritos itos itos não são gritos.

– Mas seus sentidos, Elpídio!

seus sentidos poluídos.

Essas garras arras arras não são garras.

– Mas seus amores, Das Dores!

seus amores desvividos.

Primeiras noites no verde! O morto não quer morrer. Quer
vinhoto. Quer cigarro. Joga às ásperas com seu amo. Apela
pro palavrão.

– Então?

De-leve, é ir contando até mil. Dentro do sono o sonho -
e a lã das manhãs de vidro...

Bem postos diariamente no terno-gravata, os *yuppies* almoçam

com as áridas secretárias rotinas de serviço. Guerras? Tragédias de amor? Abalos sísmicos? Manchetes não os abalam: sêniors ou juniors, vão retos às palavras cruzadas.

Ah, os *yuppies*!

Não peçam que vivam e/ou morram por princípios. A não ser, yes! os do *Manual de Procedimentos*. Projetos? Sonhos de viagens?

Somente a Orlando...

Estão frigorificados em azul e seus crachás, ninguém enxerga. Eles próprios, voz empostada, proclamam: WELL!

WELL! O COMPUTADOR E A IBM SALVARÃO O MUNDO.

No *poster* – o Sábio – põe a língua de fora.

No dia em que o escritor morreu, veio muita gente, doutores, moças, estudantes, jornalistas, todos queriam saber do Jovenal como era o patrão.

E Jovenal disse:

Mas que levava flores para certa mulher; mas que entregava cartas pra outra; mas que lhe desenguiçava a fita da máquina, isso Jovenal não disse. Nem que, um tanto tocado como sempre, falava pro grande homem: "– É isso, meu ga-ro-to ner-vo-so!", e o doutor ria, lhe batia no ombro e punha uma nota no bolso. E porque levava o patrãozinho à Escola, bebeu naquele dia mais que nos outros dias, foi intratável, e Jovenal chorava.

E circulava intervivos o Tinoco que havia morrido.

Nenhum lhe puxava o casaco, nem um com pena o advertia do equívoco.

Gravata-borboleta de pintas, falava alto, dizia. Agia - candidato, vice, assessor - ele que, perdão! já fedia.

Não era possível! Ontem, sexta, trinta-e-um de dezembro, de passo que outros corriam a São-Silvestre, uuuf! arquivaram-no na Colina.

Psiu! não vá ressuscitar o Tinoco.

Lá na colina o Motel fica ao-pé do Cemitério.

A S do asfalto, caminho do mar, naquele ponto colineia em Y.
Hoje, um motorista mais o morto que não reclama, trepou pra
direita a rampa de rosas do Motel.

No Cemitério, a toda o carrão do barbudo meteu pra esquerda
portão adentro com a amada-amante.

Só sei que, trocadas as mãos, cada hóspede se aposentou no
melhor, – o outro embaixo da lama de terra-roxa; estes encima
da cama redonda, estéreo e piscina.

Sob o azul

UM VERDE GERAL VESTE A COLINA.

ORELHAS

XAVIER PLACER, em continuação a plaquetas de versos e simultaneamente de poemas em prosa, dá-nos este novo livrinho, onde vamos encontrar versiprosa.

Mosaico;: ladrilhos variegados, pedras ou peças a cores formando desenho. Aqui, obra compósita, deliberadamente compósita; temática vária, verso e poema em prosa, visualmente grifo e redondo. Mas, note-se, uma em suas relações econômicas com a palavra, na linha do coloquial, vezes irônica, outras grave.

Neste vinte e cinco poemas a temática não se mutila por exigências da forma, solta e sóbria. O autor se permite, digamos, uma vilegiatura em algum balneário ou estância calmosa. E ali não oprime, em hora nenhuma, a concentração absorvente do ofício, o manejo das ferramentas.

Verdade que seu espírito, por condicionamento de reflexos interiores e excitações externas, permanece em constante vigilância e alerta. É característica sua. Trata-se ainda de alerta e vigilância constantes, porquanto o autor, gozando embora as larguezas do ar livre, esmera-se, aqui como sempre, no bom gosto da indumentária.

Em MOSAICO, coisas, gentes, seres, leituras, pensamento (este de ordem mítica), tudo se atreita a vivências e sugestões, captadas em momentos, monólogos, impressões, casos.

Como próspera formiga, o autor amealha o sortimento do dia a dia, e suga as palavras (assim a abelha, o pólen), a colher aqui, ali, mais adiante, visões e retrovisões emotivas, o som, a cor, o odor, a sombra facetada das realidades mais reais porque introjetadas em laboratório de signos verbais.

O todo, em quatro módulos (Poesia, Poeta, Poemas; Para Festejar; Risco do Tempo e Ossário Geral) se faz um livro honesto. Os artifícios difíceis da arte-poesia, cujas raízes brotam de uma sinceridade apodítica, soube rastreá-los com mestria em cada unidade, qual a seu tempo, qual a sua maneira e feição temática.

Ora, essa hegemonia do poema como ser-de-poesia é que reivindico para a mais alta das artes; a arte da palavra *Mosaico* a tem, graças aos sortilégios do vero poeta em versiprosa que é Xavier Placer.

HUGO TAVARES